



# Simpósio de Integração Acadêmica

“Bicentenário da Independência: 200 anos de ciência, tecnologia e inovação no Brasil e 96 anos de contribuição da UFV”

SIA UFV 2022



## Meandros do poder: a crítica do masculino em *Hibisco Roxo* de Chimamanda Adichie

Kelma A. Saraiva Lopes - Departamento de Letras (DLA) - UFV (kelma.lopes@ufv.br)

Gracia Regina Gonçalves - Departamento de Letras (DLA) - UFV (gracia@ufv.br)

Palavras-chave: Pós-colonialismo, Gênero, *Hibisco Roxo*

Letras - Ciências Humanas e Sociais  
Pesquisa - Graduação

### Introdução

A partir da análise do romance de formação *Hibisco Roxo* (2011) da reconhecida autora Chimamanda Ngozi Adichie, buscamos investigar a interconexão entre gênero e poder na sociedade nigeriana. A narrativa, contada pela adolescente Kambili, gira em torno dos conflitos da família Achike e se entrelaça em questões políticas do seu país. A tensão da trama concentra-se no antagonismo intenso entre Eugene, pai de Kambili, e seu filho Jaja. Típico patriarca, este apresenta atributos tradicionalmente masculinos – como força e controle – para se impor enquanto autoridade no campo da administração do saber e do poder.

### Objetivos

Os objetivos visados pelo trabalho foram:

- I. identificar os traços que caracterizam o estereótipo de gênero deste personagem;
- II. analisar o impacto desta figura paterna no núcleo familiar e na comunidade, bem como sua influência na construção da subjetividade das demais personagens do romance;
- III. investigar como o poder associado à sua masculinidade constitui antagonismo central na trama.

### Material e Métodos

Para análise da obra em questão, baseamo-nos nos estudos de Michel Foucault acerca do poder e saber e da vigilância sobre os corpos em *Vigiar e Punir* (1987), bem como nas investigações dos estereótipos masculinos de Élizabéth Badinter em *XY: sobre a identidade masculina* (1993). Aliados entre si dentro de uma visão pós-colonial, tais trabalhos, em relação ao romance de Adichie, vem elucidar a personagem Eugene – empresário de projeção na comunidade onde habita, tanto no campo da mídia através de um combativo jornal quanto no nível religioso pela sua posição católica dogmática. Apropriando-se do discurso masculino sedimentado na sua cultura, ele pensa justificar suas atitudes de rígido controle e punição dentro do núcleo familiar. Tendo sido educado por uma missão europeia, este se pauta, para tanto, em princípios ocidentais avessos à sua origem, o que acaba deteriorando o relacionamento com os do seu próprio sangue.

### Apoio Financeiro

Sem fomento.

### Resultados e Discussão

Através do *corpus*, vimos que Eugene é uma personagem controversa. Filantropo aclamado, seu papel em casa é discrepante: mostra-se como controlador compulsivo de todos os aspectos da vida da esposa e dos filhos, tal qual um inquisidor implacável que emprega métodos disciplinares abusivos, como “água quente” sobre a pele e até mesmo, em outra instância, sendo causador de um aborto na esposa por violência física. Como justificativa do seu perfil, ele afirma estar exercendo a “vontade de Deus”, o que mascara sua obsessão por um ideal de masculinidade tóxica, como se vê no estereótipo de “homem duro” de Badinter.

### Conclusões

Em *Hibisco Roxo*, temos um retrato da ramificação das estruturas de poder dentro do corpo social. Homem, cristão, empresário, adepto à ocidentalização da sua cultura, nos termos foucaultianos da “microfísica do poder”, Eugene encarna o exercício da força como forma de adequar seu núcleo familiar ao sistema. Ao percebê-lo como peça de uma ordem dominante maior nociva – a despeito da sua faceta militante patriótica – sua autoridade patriarcal é desmistificada, revelando sua fragilidade e as contradições do poder. A simbologia visual implícita no título da obra alude à hibridização de culturas colocada como alternativa ao *status quo*.

### Bibliografia

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Hibisco Roxo**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- BADINTER, Elizabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BONNICI, Thomas. Teoria e Crítica Pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas, ZOLIN, Lúcia O. (orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: EDUEM, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

### Agradecimentos

À minha orientadora e aos professores Adécio de Sousa Cruz e Sirlei Santos Dudalski pela combativa postura quanto “à diferença”.